



A PEDRA QUE MRS. DALLOWAY CARREGA: UMA ANÁLISE DE WOOLF À LUZ DE CAMUS

THE ROCK WHICH MRS. DALLOWAY CARRIES: ONE ANALYSIS TO WOOLF IN THE LIGHT OF CAMUS

Camila Marcondes¹

Edenilson Przybyszewski Mikuska²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a personagem Clarissa Dalloway do romance *Mrs. Dalloway* (1925) escrito pela britânica Virginia Woolf, à luz de alguns conceitos do escritor e pensador existencialista Albert Camus, mais especificamente os conceitos expostos em sua obra *O Mito de Sísifo* (1942). A perspectiva que tomaremos aqui é a de que Clarissa representa a ideia proposta por Camus na obra supracitada de que o ser humano, ao refletir sobre sua existência, acabará entrando em crise e não encontrará saída a não ser pensar na possibilidade de suicídio. A partir de tal ideia, buscaremos verificar quais são as possibilidades de ação a partir da fratura entre o ser humano e o mundo. Segundo o autor franco-argelino toda ação do ser humano tem de ser pensada a partir da revolta, pois é somente pela revolta que o ser humano irá tomar consciência e será capaz de agir perante a absurdidade da vida. Camus, então, considera em seu texto que recorrer ao suicídio seria uma consequência da revolta metafísica. Se esta revolta acontece e como acontece com a personagem Clarissa Dalloway é o que será explorado aqui.

Palavras-chave: Absurdo. Ação. Existencialismo. Revolta.

Abstract: The main of this article is to analyze the character Clarissa Dalloway, from the novel *Mrs. Dalloway* (1925) written by the British Virginia Woolf, looking by a few concepts of the writer and existentialist thinker, Albert Camus, more specifically the concepts exposed on his work *O Mito de Sísifo* (1942). We are going to take the perspective that Clarissa represents the ideia shown by Camus that when the human being reflects about his existence, he goes into a life crisis and does not find a way out but suicide. From this idea, we are going to look for the action possibilities between the breaking of the human being and the world. According to the franco-algerian author, every human being action has to be thought from his crises, because only from the crisis men will become aware and capable before the absurdity of life. Camus considers on his paper that the suicide is a metaphysics crisis consequence. If this crisis happens and how it happens to the character Clarissa Dalloway is what is going to be explored here.

Keywords: Absurd. Action. Existencialism. Crisis.

Sumário: 1. Introdução – 2. Virginia Woolf e *Mrs Dalloway* – 3. Albert Camus e *O Mito de Sísifo* – 3. Aplicação das teorias de Camus em Clarissa Dalloway – 4. Considerações finais – 5. Referências.

¹ Acadêmica do 8º Período do Curso de Licenciatura em Letras da Faculdade Santa Amélia – SECAL, Ponta Grossa, Paraná. my_rebeldy@hotmail.com

² Professor Mestre Orientador Titular do Trabalho de Conclusão de Curso no Curso de Licenciatura em Letras da Faculdade Santa Amélia – SECAL, Ponta Grossa, Paraná. mikuskaep@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A obra *Mrs. Dalloway* (1925), de Virginia Woolf é considerada um clássico da literatura inglesa. Os aspectos aqui focados dizem respeito aos preparativos da festa que Mrs. Dalloway realizará em sua casa. É importante frisar que, no romance, temos a narração de um único dia na vida de Clarissa. Os acontecimentos confluem para a festa.

O que pretendemos com este trabalho é verificar as possíveis aplicações de conceitos de Camus na personagem Clarissa Dalloway. Segundo o autor, o ser humano, ao refletir sobre a sua própria existência poderá entrar em crise e não encontrará saída a não ser na possibilidade de suicídio. O que veremos é se esta ideia acontece com Clarissa e se acontece, de que forma acontece. Buscaremos averiguar quais são as possibilidades de ação³ a partir da fratura entre o ser humano e o mundo. Segundo Camus, tal fratura pode redundar em um conflito entre os dois, a que Camus designa absurdo⁴. Segundo Patrícia de Oliveira Machado, entende-se que:

No movimento da revolta, segundo Camus, há uma tomada de consciência, a descoberta de uma solidariedade humana. O homem compreende que o valor que ele quer preservar estende-se a todos os homens. O homem insurge-se porque algo lhe incomodava a ponto de não ser mais capaz de tolerar. Seu protesto marca, então, o fim da tolerância, a “perda da paciência”.⁵

Recorrer, então, ao suicídio seria um resultado da revolta metafísica⁶, pois o homem fica completamente contra sua condição em que está inserido. As questões

³ Para Camus, diante da absurdidade da vida, e a partir do sentimento de revolta, o ser humano decide se continua vivendo (mas vivendo consciente do seu próprio absurdo), ou se acaba escolhendo o suicídio. A isso o autor chama de *ação*. Ele ainda escreve que: “Só existe uma ação útil: a que restaura o homem e a terra” (CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf>, p. 63. Acesso em: 04 mai. 2015).

⁴ Ibid., p. 40. De acordo com Japiassú e Marcondes, temos a seguinte configuração do conceito de absurdo no pensamento ocidental: em sentido estrito, absurdo é “aquilo que viola as leis da lógica por ser totalmente contraditório. E distinto do falso, que pode não ser contraditório”. Já na filosofia existencialista o absurdo é a “impossibilidade de se justificar racionalmente a existência das coisas e de lhes conferir um sentido.” Japiassú acrescenta ainda que “a partir das obras de Camus e de Kafka, fala-se muito do absurdo, notadamente no domínio da moral ou da metafísica, para designar o “incompreensível”, o “desprovido de sentido” e o “sem finalidade” (JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 7-8).

⁵ MACHADO, Patrícia de Oliveira. **Absurdo, revolta, ação: Albert Camus**. 2010. Dissertação – Universidade de Brasília – Faculdade de Filosofia, Brasília, 2010, p. 102.

⁶ Diz Camus sobre a revolta metafísica que “ela não é aspiração, não tem esperança. Essa revolta é apenas a certeza de um destino esmagador, sem a resignação que deveria acompanhá-la” (CAMUS,

abordadas por Camus se referem a um mundo sem respostas. Trata-se da busca de um sentido da existência e do agir do ser humano. De outra forma, a vida se torna sem princípios e sem valores, a morte é legítima e a vida é considerada fútil⁷.

Também pretendemos neste artigo verificar como ocorre a constatação do absurdo da existência em *Mrs. Dalloway*, de acordo com o que foi caracterizado por Camus: a consciência de viver com o silêncio do mundo⁸ e a revolta, que seria a resposta mais adequada para o absurdo.

Dessa forma, o trabalho se estrutura em: 2) Da autora: Virginia Woolf e da sua obra *Mrs. Dalloway*; 3) Albert Camus e O Mito de Sísifo; 4) Aplicação das teorias de Camus na personagem Clarissa Dalloway; e considerações finais.

Agora que já conhecemos um pouco sobre o que será tratado aqui, vejamos qual será o viés adotado para este trabalho.

2 VIRGINIA WOOLF E *MRS. DALLOWAY*

Antes de falarmos sobre a sua obra, *Mrs. Dalloway*, é importante expormos algumas características da vida da autora Virginia Woolf.

Virginia Adeline Stephen Woolf foi uma escritora inglesa que pertenceu ao Modernismo. Sua vida e sua obra foram marcadas explicitamente pela angústia e pelo talento. Nasceu em Londres em 25 de janeiro de 1882 e faleceu dia 28 de março de 1941, quando, por conta de seu histórico de saúde mental frágil, acabou suicidando-se. Era filha de Sir Leslie Stephen, um crítico literário e de Julia Duckworth Stephen. Não podendo frequentar a escola como os irmãos, acabou tendo como única saída aprender a ler com a ajuda de seu pai, tornando-se autodidata. Apesar dessas dificuldades iniciais, anos depois viria a integrar o grupo Bloomsbury. Segundo Otto Maria Carpeaux em sua obra *História da literatura ocidental*:

Virginia Woolf, no seu círculo de intelectuais sofisticados, dos “*high brow*” do bairro londrino de Bloomsbury, fez parte da primeira *Intelligentzia* que surgiu

Albert. **O Mito de Sísifo.** Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 63. Acesso em: 04 mai. 2015).

⁷ Ibid., p. 53.

⁸ Para Camus, o homem, depois que possui a certeza que o mundo é carente de valores, torna-se consciente de que do mundo não pode-se esperar nenhuma resposta: “O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio despropositado do mundo” (Ibid., p. 24).

na Inglaterra conservadora imediatamente depois do armistício, junto com o enfraquecimento da moral puritana, a discussão pública de problemas sexuais, a adoção de novos costumes pela mocidade; o que se chamava “época do jazz” ou do fox-trot.⁹

Casou-se com Leonard Woolf e juntos fundaram a editora Hogarth Press. Cinco anos após seu casamento, estoura a Primeira Guerra Mundial, acontecimento que teria impacto em sua vida e em seus escritos. A autora abordou diversos temas em sua obra, como o existencialismo¹⁰, a vida e a morte, a loucura, a civilização e a ignorância, a política dentre outros.¹¹ O existencialismo aparece fortemente em Mrs. Dalloway.

Segundo Steven Earnshaw, em sua obra *Existentialism: A Guide for the Perplexed*: “Virginia Woolf’s novel *Mrs. Dalloway* suggests a qualified Existential outlook where Clarissa Dalloway is both blessed and cursed with epiphanies¹², and the sense of alienation and anxiety is ever-present¹³”.

Mrs. Dalloway tem uma narrativa extensa e profunda, usando constantemente o discurso indireto livre. A trama acontece em um único dia no mês de junho, no ano de 1923. A protagonista Clarissa Dalloway tem aproximadamente 52 anos de idade.

⁹ CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Trad. Joaquim Campelo Marques. São Paulo: Leya, 2011, p. 1778.

¹⁰ Soren Kiergaard é considerado o pai do existencialismo. Essa corrente filosófica pressupõe que a existência precede essência, ou seja, o ser humano vem ao mundo como *tábula rasa*, vazio de qualquer essência. Ele defendia a ideia de que o ser humano é o único responsável de dar sentido a sua vida, mesmo a face do mundo da existência seja absurdo e sem sentido, como ilustra Nicola Abbagnano em seu *Dicionário de filosofia*: “A possibilidade última da realidade humana, a sua escolha originária, é o projeto fundamental em que se inserem todos os atos e as volições de um ser humano. Tal projeto é fruto de uma liberdade sem limites, absoluta e incondicionada: de uma liberdade que faz do homem uma espécie de Deus criador do seu mundo e o torna responsável pelo mundo” (ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 404). Assim vemos os personagens Septimus, que opta pelo suicídio, agindo como senhor de seu mundo e seu destino, bem como em Clarissa, que ainda que tentada por tal possibilidade, opta por viver.

¹¹ Virginia com seus escritos acabou tomando muito cuidado para não deixar certos vestígios de sua própria autobiografia, conforme afirma a escritora Alexandra Lemasson em sua obra *Virginia Woolf*: “A romancista disfarça, desloca e desvia os fatos a fim de não cair na confissão autobiográfica pura e simples. Seu Diário é todo abastecido por ela mesma, suas dúvidas, suas expectativas, suas esperanças; seus romances, em contrapartida, não a desvendam a não ser de forma mascarada”. . Portanto, ainda que Woolf evitasse se expor em seus escritos, suas obras são em muito inspiradas pela sua vida: “Virginia Woolf mais do que ninguém se inspira em sua vida para compor o material de sua obra” (CARPEAUX, Otto Maria. Op. cit. p. 17-18).

¹² A epifania, recurso largamente usado por Woolf, é “momento de intensa visão que descortina uma significação muito além do mundo cotidiano da experiência comum” (HARVEY apud MOISÉS. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 157). É, portanto, uma súbita sensação ou entendimento de algo.

¹³ “O romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf (1925) sugere um olhar Existencial em que Clarissa Dalloway é ao mesmo tempo abençoada e amaldiçoada com epifanias e o senso de alienação e ansiedade que está sempre presente na obra” (tradução nossa) (EARNSHAW, Steven. **Existentialism: A Guide for the Perplexed**. New York: Continuum Publishing, 2007, p. 11).

O romance começa com a famosa e marcante frase: “Mrs. Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores”¹⁴. A primeira frase do romance já é bastante expressiva, pois Clarissa resolve ela mesma sair para comprar as flores, porque vai dar uma festa em sua casa, à noite, para seus amigos. Clarissa se preocupava muito com essas festas, com os preparativos, com o que a sociedade iria pensar dela.

A partir dessa cena inicial a trama segue com a protagonista andando pelas ruas de Londres. Acompanhamos suas ações e pensamentos, enquanto ela compra flores e cuida dos preparativos para sua festa. No decorrer do caminho acaba se deparando com pessoas do seu passado, vivido em Bourton. Isso a faz refletir sobre o seu próprio presente. Algumas destas pessoas são: o seu marido Richard Dalloway, sua filha Elizabeth, Peter Walsh, um grande amigo, por quem possui enorme afeto, sua amiga Sally Seton, com quem trocou um beijo no passado, dentre outros.

Quanto ao enredo do romance, aparentemente simples (já que dá conta apenas dos preparativos para uma festa), escreve Carpeaux: “Virginia Woolf não precisa de enredo; este é pretexto para relevar a presença de passados inteiros e mundos inteiros num momento do fluxo da consciência ou subconsciência dos personagens”¹⁵. Como na maioria da obra verificamos que os pensamentos dos personagens são dispersos, podemos observar o emprego do fluxo de consciência, técnica amplamente usada por vários escritores, inclusive Virginia Woolf¹⁶. Adiante, falaremos mais sobre essa técnica.

Alguns personagens aparecem no decorrer de seu dia, mas ela acaba não se dando conta ou nem mesmo os encontrando. É o caso de Septimus Warren Smith, uma personagem muito parecido com Clarissa: os dois têm um vazio enorme em suas vidas e tentam preencher tal vazio de várias formas: não conseguindo preencher, Septimus opta pelo suicídio, enquanto Clarissa opta pela festa¹⁷. Septimus retornou traumatizado dos campos de combate da Primeira Guerra

¹⁴ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 05.

¹⁵ CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Trad. Joaquim Campelo Marques. São Paulo: Leya, 2011, p. 1777.

¹⁶ O romance *Ulisses* (1922), do escritor irlandês James Joyce, é um outro bom exemplo do uso eficiente da técnica de fluxo de consciência. O célebre último capítulo de *Ulisses* é um monólogo da personagem Molly todo feito por meio da técnica de fluxo de consciência.

¹⁷ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 02.

Mundial. E sofre devaneios e alucinações com Evans, seu ex companheiro de guerra, que faleceu. No fim da trama, Septimus vem a suicidar-se pulando de uma janela. Mas, apesar de vítima de devaneios, o suicídio escolhido por Septimus não ocorre de forma irrefletida, mas sim de forma consciente¹⁸.

Ao final do dia, Clarissa faz inúmeras reflexões sobre suas escolhas e, no decorrer de sua festa, escuta de um de seus convidados, o doutor Bradshaw, a história de Septimus, que era seu paciente. Clarissa, mesmo não o conhecendo, de certa forma identifica-se com ele. A história de Septimus acaba incomodando-a: a morte trágica a faz refletir sobre seu próprio estilo de vida¹⁹. E ela o admira por sua coragem em ter cometido o suicídio²⁰. Nesse instante, a personagem se mostra com dúvida: a morte poderia ser uma opção para acabar com a sua própria infelicidade, fazendo como Septimus, ou seja, pulando de uma janela? Para Septimus, a falta de sentido na vida é resolvida através do suicídio, e a de Clarissa, mesmo conhecendo esse outro lado de fuga, acaba optando por continuar a viver.

À medida que a leitura flui, podemos conhecer profundamente pensamentos dos personagens. Isso é possível graças à técnica narrativa do fluxo de consciência, ou seja, a narração dos pensamentos dos personagens, como podemos observar aqui neste trecho, com um pensamento de Mrs. Dempster:

Essa moça, ocorreu a Mrs. Dempster (que guardava migalhas para os esquilos e costumava almoçar no Regent's Park), ainda não sabe de nada; e, na verdade, bem que lhe parecia melhor ser um pouco corpulenta, um pouco lerda, um pouco moderada nas expectativas. Percy bebia demais. Antes ter um filho, refletiu Mrs. Dempster. A vida não fora nada fácil para ela, e não podia deixar de sorrir diante de uma moça assim. Você vai se casar, pois é bonita, pensou Mrs. Dempster. Case-se, pensou, e aí vai ver como são as coisas. Ó, as criadas, e o resto. Todo homem tem suas manias. Mas teria eu escolhido isso caso soubesse?, pensou Mrs. Dempster, sentindo vontade de sussurrar um conselho a Maisie Johnson; de sentir o beijo piedoso nas pregas de seu rosto envelhecido e gasto. Pois tinha sido uma vida dura, pensou Mrs. Dempster. O que não lhe custara aquilo? Rosas; a silhueta; os pés também. (Escondeu as massas disformes sob a saia.)²¹

¹⁸ Estes são os últimos pensamentos de Septimus antes de cometer suicídio: "Restava apenas a janela, a espaçosa janela daquela pensão em Bloomsbury; a exaustiva, enfadonha e um tanto melodramática tarefa de abrir a janela e se atirar por ela (...) Mas iria esperar até o último momento. Não queria morrer. A vida era boa. O sol tépido" (ibid., p. 188).

¹⁹ Ibid., p. 234

²⁰ Ibid., p.188.

²¹ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 34-35.

Segundo Robert Humphrey, em sua obra *O fluxo da consciência*, em relação aos romancistas, em especial Virginia Woolf, o fluxo de consciência “consiste em ampliar a arte da ficção descrevendo os estados interiores de seus personagens”²². Ainda segundo Humphrey “Podemos definir o fluxo de consciência ficcional como um tipo de ficção no qual a ênfase básica está na exploração dos níveis de consciência pré-discursivos, com o propósito, principalmente, de revelar o ser psíquico dos personagens”²³.

Nessa técnica, o escritor busca como que transcrever os pensamentos dos personagens. O narrador supostamente mostra tais pensamentos como eles são, ou seja, complexos, caóticos. Através dessa técnica se dá a aproximação entre o leitor e as sensações da personagem. Diz Humphrey ainda que “Virginia Woolf queria formular os processos e as possibilidades da compreensão interior da verdade”²⁴. O autor afirma também que Virginia utiliza momentos de monólogo interior direto (sem intervenções do narrador) e indireto (o narrador empresta a sua linguagem para demonstrar as sensações e pensamentos das personagens), em que se guia o leitor sem modificar a consciência da personagem.

3 ALBERT CAMUS E O MITO DE SÍSIFO

Albert Camus nasceu na cidade de Mondovi, na Argélia, no dia 07 de novembro de 1913 e faleceu em 1960, ao sofrer um acidente automobilístico. Foi romancista e filósofo. Camus recebeu em 1957 o Prêmio Nobel de Literatura. Ele teve uma infância humilde, marcada pela guerra, fome e pobreza. Logo cedo perdeu seu pai, em 1914, em uma batalha na Primeira Guerra Mundial. Após essa catástrofe, mudaram-se para a cidade de Argel.

Esses acontecimentos trágicos marcaram sua obra, tanto a filosófica quanto a literária. É constante, por exemplo, a presença do tema da morte e do absurdo da existência. Sua obra *O mito de Sísifo* (1942) trata do absurdo e da revolta. Conforme Gama, “Camus dizia que o único verdadeiro papel do homem, nascido em um mundo absurdo, era viver, ter consciência de sua vida, de sua revolta, de sua

²² HUMPHREY, Robert. **O fluxo de consciência**: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros. Trad. Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976, p. 07.

²³ Ibid., p. 04.

²⁴ Ibid., p. 11.

liberdade”²⁵. Segundo Manuel da Costa Pinto (2010), em seu trabalho: *Homenagem – Albert Camus*, Camus ficou mais conhecido como o “filósofo do absurdo”²⁶. Para ele, a vida não tem sentido e nenhum deus que dê sentido a ela.

Camus, antes de contrair tuberculose, já levantava vários questionamentos – inclusive se a vida merecia ser vivida. E então, com essa doença, surge-lhe um sentimento trágico, que ele denomina absurdo²⁷. No entanto, ele destaca que não recomenda o suicídio e que tal ato não é a solução viável, mas, sim a revolta²⁸. Cometer este ato seria o modo pelo qual o ser confessa que a vida não vale a pena ser vivida: “Matar-se é de certo modo, como no melodrama, confessar. Confessar que se foi ultrapassado pela vida ou que não se tem como compreendê-la”²⁹. Cometer o suicídio seria como uma forma de solução para o absurdo de sua própria existência.

Logo de início, no *Mito de Sísifo*, ele faz um questionamento: a vida vale ou não vale a pena ser vivida? A resposta para tal questão é fundamental para a filosofia: as outras perguntas se tornam fúteis perante a esta³⁰. Na obra, lemos que “um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo”³¹. Entende-se assim o grande problema filosófico na visão de Camus: o suicídio.

O tema principal de *O Mito de Sísifo* é a relação do absurdo e o suicídio. Esse mal de espírito e essa angústia existencial, essa ruptura entre o homem e a vida, Camus chama absurdo: “O fim é o universo absurdo e esse estado de espírito que aclara o mundo com uma luz que lhe é própria, para fazer com ela resplandecer o rosto privilegiado e implacável que nele identifica”³².

²⁵ GAMA, Mauro. Prefácio. In: CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2015.

²⁶ PINTO, Manuel da Costa. **Homenagem – Albert Camus**. In: Revista Cult. São Paulo: Editora Bregantini. 143 ed., 2010.

²⁷ CAMUS, Albert. Op. cit., p. 04.

²⁸ CAMUS, Albert. Op. cit., p. 51.

²⁹ CAMUS, Albert. Op. cit., p. 09.

³⁰ CAMUS, Albert. Op. cit., p. 07.

³¹ NIETZSCHE apud CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 07. Acesso em: 04 mai. 2015.

³² CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 07. Acesso em: 04 mai. 2015.

O absurdo deve ser visto como um ponto de partida³³: o autor esclarece que não irá oferecer uma descrição do absurdo, porque considera um sentimento ao mesmo tempo tão confuso e tão certo³⁴. Mesmo o autor não definindo o que seria o absurdo em seu ensaio filosófico, ele nos dá vários exemplos, dentre eles: de que maneira o ser humano pode ter uma vida rotineira com tarefas mecânicas, que certo momento chega no seu nível máximo, em que tudo parece não ter mais sentido em realizar aquelas mesmas tarefas. Uma consequência desse fato seria uma desarmonia com a própria existência, provocando questionamentos referentes à morte e ao destino dos homens e, por fim, descobrindo uma dura verdade: “Os homens morrem e não são felizes”³⁵.

Encontramos no começo da sua obra situações em que o homem se coloca perante a absurdidade, como: o tempo, a desumanidade do homem, a morte, elementos esses que denomina “os muros absurdos”³⁶. O homem faz as mesmas coisas todos os dias de sua vida, até o momento em que o cenário se desmorona e eis que o absurdo nos acomete. É quando vem a pergunta à tona: o “porquê” de fazer as mesmas tarefas sucessivamente e a partir daí que acarretam as consequências. Tudo começa por um cansaço de ter uma vida mecânica, tornando desanimador continuar vivendo, e é aí que começa o desafio com a própria consciência, em que o “despertar” acaba nos levando a consequência: o suicídio ou o restabelecimento³⁷. Segundo Camus, a partir do momento em que o homem se situa em relação do tempo, entende que irá morrer, mesmo querendo viver e, então, acaba se confrontando com o absurdo: “Essas inconseqüências são admiráveis porque, afinal, se trata de morrer”³⁸.

O absurdo é um confronto entre o irracional e o desejo de clareza: “O *irracional, a nostalgia humana, o absurdo que surge do diálogo entre eles: eis os três personagens da trama que se deve necessariamente, acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz*”³⁹. Ele exalta que tudo é dado ao homem e tirado

³³ Ibid., p. 07.

³⁴ Ibid., p. 12.

³⁵ Ibid., p. 06.

³⁶ MACHADO, Patrícia de Oliveira. **Absurdo, revolta, ação: Albert Camus**. 2010. Dissertação – Universidade de Brasília – Faculdade de Filosofia, Brasília, 2010, p. 19.

³⁷ CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleitoras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 24.

Acesso em: 04 mai. 2015.

³⁸ Ibid., p. 14.

³⁹ Ibid., p. 14

também. O homem carrega a nostalgia de absoluto e de eterno, deparando-se com um mundo em que sua condição é mortal. Ele não se preocupa com o tempo em si, mas com as consequências que o tempo traz, ou seja, a morte.

O absurdo não está no homem e nem no mundo, mas sim na interligação dos dois elementos⁴⁰, ou seja, na tensão, acarretando a decepção do homem em tentar explicar o mundo e acabar não tendo determinadas respostas, mas isso não quer dizer que não possamos entendê-lo.

Entretanto, para Camus é um entendimento limitado:

Se existe uma moral que o homem absurdo pode admitir: a que não se separa de Deus e que se dita. Mas ele vive precisamente fora desse Deus. Quanto às outras morais (entendo também o imoralismo), o homem absurdo só vê nelas justificativas e não há nada a justificar. Parto aqui do princípio de sua inocência.⁴¹

Apenas no final de uma vida, o homem cotidiano⁴² se dá conta de uma única verdade: a direção de sua existência. O homem sempre chegará a um tempo em que será preciso escolher entre a ação (que seria o momento de se fazer alguma coisa diante daquela situação) e a contemplação – que é ficar somente alienado enquanto o tempo passa⁴³. Torna-se, assim, realmente um homem, e para isso não deve haver um meio termo:

Há Deus ou o tempo, essa cruz ou essa espada. Esse mundo tem um sentido mais alto, que ultrapassa as suas agitações, ou não há nada verdadeiro a não ser essas agitações. É necessário viver com o tempo e morrer com ele ou se subtrair a ele para uma vida maior.⁴⁴

O título do ensaio *O Mito de Sísifo* é uma referência explícita ao homônimo mito grego, que ilustra justamente o absurdo da existência humana. A relação do

⁴⁰ MACHADO, Patrícia de Oliveira. **Absurdo, revolta, ação: Albert Camus**. 2010. Dissertação – Universidade de Brasília – Faculdade de Filosofia, Brasília, 2010, p. 31.

⁴¹ Op. cit., p. 50.

⁴² O homem cotidiano na visão de Camus é aquele que leva uma vida rotineira e comum com as mesmas tarefas, mecanismos e sem reflexão, tornando-a uma sequência de atos metodicamente e sem sentido: “Ocorre que os cenários se desmoronam. Levanta-se, bonde, quatro horas de escritório ou fábrica, refeição, bonde, quatro horas de trabalho, refeição, sono e segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo, essa estrada se sucede facilmente a maior parte do tempo. Um dia apenas o “por que” desponta e tudo começa com esse cansaço tingido de espanto. “Começa”, isso é importante. O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência” (CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 14. Acesso em: 04 mai. 2015).

⁴³ Ibid., p. 63.

⁴⁴ Ibid., p. 66.

homem com o mundo mostra-se tensa e negativa, como se o ser fosse um ser incompleto, o homem busca entender o seu sentido e sua significação⁴⁵. O último capítulo da obra é o que realmente nos interessa. Camus compara Sísifo com o operário de hoje, mostrando que o ser humano não é diferente de Sísifo: “O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos que se torna consciente”⁴⁶. Sísifo, segundo a mitologia grega, foi condenado pelos deuses a fazer repetidamente sempre a mesma tarefa inútil, sucessivamente: rolar um rochedo até o topo de uma montanha, sendo que toda vez que Sísifo estava quase alcançando o topo, o rochedo rolava novamente montanha abaixo, anulando todo seu esforço, e Sísifo retornava até a pedra e continuava a rolar pelo resto de sua vida, sem fim.

Assim, podemos perceber que Sísifo é um herói absurdo:

É durante esse retorno, essa pausa, que Sísifo me interessa. Um rosto que pena, assim tão perto das pedras, é já ele próprio pedra! Vejo esse homem redescer, com o passo pesado mas igual, para o tormento cujo fim não conhecerá. Essa hora que é como uma respiração e que ressurgue tão certamente quanto sua infelicidade, essa hora é aquela da consciência. A cada um desses momentos, em que ele deixa os cimos e se afunda pouco a pouco no covil dos deuses, ele é superior ao seu destino. É mais forte que seu rochedo⁴⁷.

Quando o homem se torna consciente, surge o sentimento de impotência e revolta: ele recebe a lucidez quando percebe a sua condição miserável em que se volta sobre sua própria vida. Sísifo sabe que sua sequência de atos não acabará, tornando-se este seu destino breve que será selado por sua morte. “Cego que quer ver e sabe que a noite não tem fim” diria Camus⁴⁸. Assim, Sísifo sabe de seu destino repetitivo e, de certa forma acha um sentido em continuar o trabalho, se identificando com a pedra, mesmo com a repetição.

4 APLICAÇÃO DAS TEORIAS DE CAMUS EM CLARISSA DALLOWAY

⁴⁵MACHADO, Patrícia de Oliveira. **Absurdo, revolta, ação: Albert Camus**. 2010. Dissertação – Universidade de Brasília – Faculdade de Filosofia, Brasília, 2010, p. 32-33.

⁴⁶ Op. cit., p. 86.

⁴⁷ Op. cit., p. 86.

⁴⁸CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 86. Acesso em: 04 mai. 2015.

O valor à vida surge quando pensamos sobre nossas ações com o mundo. Estas ações não podem terminar em suicídio, seja ele físico ou filosófico⁴⁹, devem ser pensadas a partir da revolta. Como já vimos anteriormente, Camus denominaria como absurdo esta reflexão sobre a relação humana com a realidade e é por essa revolta que o homem toma consciência de como deve conduzir e limitar a sua própria ação revoltada. É o que abordaremos na obra *Mrs. Dalloway* daqui em diante.

No dia em que se passa a história de Mrs. Dalloway ela organiza mais uma de suas festas em sua casa: “Minha festa, hoje à noite! Não se esqueça da festa à noite!”⁵⁰, dizia com seu esforço enorme em parecer uma pessoa normal e feliz, que acredita em si mesma e na sua fidelidade à rotina:

Só Deus sabe por que a gente gosta tanto disso, por que vê isso dessa maneira, cria tudo isso, constrói isso ao nosso redor, desfazendo e refazendo tudo a cada instante; porém, mesmo as mulheres mais enxovalhadas, as indigentes mais miseráveis, sentadas nos degraus de entrada (arruinadas pela bebida), também faziam o mesmo; não era algo que se podia resolver, disso tinha certeza, com leis do Parlamento, e exatamente por esse motivo: elas amam a vida.⁵¹

Clarissa Dalloway seria um exemplo de Sísifo de hoje, vivendo uma guerra cotidiana, organizando suas festas fúteis e sem sentido, que é a condição absurda. Isso de pronto nos faz pensar na questão da finitude da vida e em seu propósito. Nesse sentido são as reflexões de Clarissa:

O que ela temia, porém, era o próprio tempo, e lia no rosto de Lady Bruton, como em um relógio de sol talhado em pedra impassível, que a vida ia se reduzindo; como, ano após ano, sua porção se reduzia; o quão pouco lhe restava daquela margem capaz de se estender, de absorver, como na época da juventude, as cores, os saís, os tons de existência.⁵²

Clarissa, mesmo tendo sua vida com a mesma rotina, ainda assim continua levando-a da mesma forma, organizando uma festa quando, no fundo, ela se sente

⁴⁹ Para Camus o suicídio filosófico acontece a partir do momento em que se torna consciente da absurdidade da vida e passa a ignorá-la. Negando-a e a ultrapassando-a em sua atitude existencial: “Eu tomo a liberdade de chamar agora de suicídio filosófico a atitude existencial. Mas isso não implica um julgamento. É uma maneira cômoda de designar o movimento pelo qual um pensamento se nega a si mesmo e tende a se ultrapassar naquilo que constitui sua negação” (Ibid., p. 33).

⁵⁰ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 61.

⁵¹ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 61..

⁵² Ibid., p. 38.

vazia e triste por dentro, e por fora tendo que se manter forte e mostrar-se feliz perante a sociedade, carregando uma vida que não é realmente sua: “Mas Clarissa sempre gostara da sociedade”⁵³.

Mrs. Dalloway se vê sufocada, vendo-se como uma estrangeira em sua própria alma, onde habitam monstros que se mantêm em silêncio: “E o mundo todo parece estar dizendo “isso é tudo”, de modo cada vez mais grave”⁵⁴. E é aí que surge o sentimento de absurdo, em que se vê o ridículo da batalha diária, mas Clarissa acaba não se rebelando, apegando-se a lugares e outras pessoas, e até mesmo ao passado, para acabar não morrendo pelo seu próprio presente: “era bem isso o que ela amava; a vida; Londres; esse momento de junho”⁵⁵. E para calar esses monstros continua organizando suas festas: “‘É por isso que dou essas festas’, disse, em voz alta, à vida”⁵⁶.

Podemos perceber o trágico (segundo o conceito de Camus) presente nesta obra quando Mrs. Dalloway toma consciência do seu próprio absurdo: este absurdo seria o da repetição da vida cotidiana, gerando a revolta. E é nesta tomada de consciência que acaba distanciando do tempo, distanciando do eu social, para olhar para si própria:

Refletiu enquanto esperava para cruzar a rua, ela não fazia as coisas simplesmente, sem outros motivos; e sim para que as pessoas pensassem isso ou aquilo; o que era uma rematada tolice, bem o sabia (agora o guarda ergueu a mão), pois nem por um instante os outros se deixavam enganar. Ó, se pudesse recomeçar a vida!, pensou, dando um passo na rua, podia até mesmo ter outra aparência!⁵⁷

O momento em que Clarissa toma consciência é quando se apresentam os tais “muros absurdos”. Clarissa toma consciência da inutilidade da vida a partir do momento em que reflete sobre a morte de Septimus:

A morte era uma tentativa de comunicar; as pessoas sentindo a impossibilidade de alcançar o centro que, misticamente, se esquivava; a proximidade apartava; o arrebatamento se esvaía; a gente ficava só. Havia um abraço na morte. Mas esse jovem que se matara – havia ele mergulhado agarrado a seu tesouro? Morrer agora seria a suprema

⁵³ Ibid., p. 226.

⁵⁴ Ibid., p. 50.

⁵⁵ Ibid., p. 07.

⁵⁶ Ibid., p. 153.

⁵⁷ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.13.

felicidade”, certa vez dissera a si mesma, descendo a escada, vestida de branco.⁵⁸

Uma das tentativas de Clarissa de calar esses “monstros” é criar sua festa, para celebrar a vitória contra essas criaturas que, no entanto, seriam o completo desinteresse pela vida, ou seja, a rotina da infelicidade como norma da própria vida. Para Camus: “Aquele que, sem o negar, não faz nada para o eterno. Não que a nostalgia lhe seja estranha. Mas ele prefere sua coragem e seu raciocínio”⁵⁹. Clarissa segue, de certa forma, tal ideia, pois não faz nada para o eterno, por preferir ficar na mesmice e continuar com a mesma atitude diante da vida:

Todavia, para ela, ainda era um esforço tremendo. Não estava se divertindo nem um pouco. Era algo parecido demais com ser... qualquer outra pessoa, ali de pé; qualquer um podia estar ali; mas essa pessoa qualquer, a quem ela admirava um pouco, não podia deixar de sentir que, de algum modo, havia sido a responsável por isso, que isso marcava uma etapa, esse pilar que ela sentia ter se tornado, pois, por mais estranho que fosse, havia até esquecido de sua própria aparência, mas se sentia como uma estaca cravada no topo de sua escadaria. Toda vez que organizava uma recepção, era tomada por essa sensação de ser algo alheio a si mesma, e que todos eram irreais de certo modo; e, de outro, muito mais reais.⁶⁰

Clarissa em certos momentos até mesmo havia esquecido ou não sabia ao certo quem era ela realmente:

Que curiosa essa sensação de ser invisível; despercebida; desconhecida; agora que já não se tratava mais de casar, de ter filhos, mas apenas seguir esse assombroso e um tanto solene cortejo em meio às outras pessoas, Bond Street acima, sendo essa Mrs. Dalloway; nem mesmo Clarissa; sendo Mrs. Richard Dalloway.⁶¹

Para ilustrar a fala de Woolf voltemos a Camus: "Ainda há, nisso, diversas maneiras de se suicidar, de que uma é a doação total e o esquecimento de sua própria pessoa"⁶². Clarissa simplesmente dava suas famosas festas, não sabendo, porém, como agir e nem quem ela era de fato nessas recepções. Pode-se pensar que, apesar de a vida ter essa rotina, bastaria tentar ver um lado novo em tudo, fazer outra coisa. Logo, porém, ainda assim haveria uma rotina em que esmagaria

⁵⁸ Ibid., p. 233.

⁵⁹ CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 50.

Acesso em: 04 mai. 2015.

⁶⁰ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 214.

⁶¹ Ibid., p. 14.

⁶² Ibid., p. 54.

um momento novo que Clarissa poderia viver: “Sempre era invadida por essa sensação de que era muito, muito perigoso viver, ainda que por um dia”⁶³.

Clarissa se torna trágica quando se torna consciente, consciente de carregar todos os dias a pedra da existência. Mesmo assim, continuava a viver, porque essas atividades davam significados à vida de Mrs. Dalloway, podendo dizer que levar uma pedra até o topo de uma montanha, ver ela rolar e continuar tudo novamente, nada mais é que a vida de Clarissa. Essa pedra se pode dizer que é um sonho, um objetivo ou uma simples tarefa, um sentido à existência.

Em um momento, Mrs. Dalloway chega a pensar na questão do suicídio: “Fazia diferença se ela inevitavelmente iria deixar de existir por completo; mesmo com sua ausência, tudo isto vai continuar; era algo para se lamentar, ou havia consolo em ver na morte o fim de tudo?”⁶⁴. Mas, Camus afirma que: “O suicídio, como salto, é a aceitação em seu limite”⁶⁵.

Podemos entender melhor a fala de Camus quando confrontada a este trecho da obra *Mrs. Dalloway*, em que a personagem, em sua festa, escuta um comentário:

Lady Bradshaw (pobre tonta – não havia como desgostar dela) sussurrou que, “bem na hora em que estávamos saindo, meu marido foi chamado ao telefone, uma história muito triste. Um rapaz (isso é o que Sir William contava a Mr. Dalloway) havia se suicidado. Ele servira no exército”. Ó meu Deus!, ocorreu a Clarissa, bem no meio da minha festa, eis que chega a morte, pensou⁶⁶.

Clarissa ficou indignada ao comentarem sobre a morte em sua festa:

Que direito tinham os Bradshaw de falar da morte em sua festa? Um rapaz havia se matado. E comentavam isso em sua festa – os Bradshaw falavam da morte. Ele havia se matado – mas como? Sempre que lhe contavam de um acidente, o corpo dela o revivia de maneira imediata e súbita; seu vestido se inflamava, seu corpo ardia. Havia se atirado de uma janela. O chão, como um relâmpago, vindo a seu encontro; ele cegamente trespassado, rompido e dilacerado pelas pontas enferrujadas. Ali se quedou, o cérebro sacudido por uma pulsação surda, e depois o sufocamento em meio à escuridão. Foi assim que ela o viu. Mas por que fizera isso? E os Bradshaw falando disso em sua festa!⁶⁷

⁶³ Ibid., p. 11.

⁶⁴ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 12.

⁶⁵ CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleitoras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 42.

Acesso em: 04 mai. 2015.

⁶⁶ Op. cit., p. 231.

⁶⁷ Op. cit., p. 232.

Desde o presente momento sua festa havia se desmoronado e Clarissa fica em seus pensamentos, refletindo sobre Septimus, que escolheu recorrer ao suicídio: “Agora você vai ver!”, gritou, e atirou-se com força e violência sobre a grade do pátio da casa de Mrs. Filmer⁶⁸. Clarissa chegou a pensar se a morte não seria mesmo uma saída para o seu próprio absurdo, e se também teria coragem de cometer o suicídio. Em certos momentos Clarissa também chegara a pensar se não fosse Richard estar, ali, por perto, ela talvez acabaria com a sua própria vida:

Depois (só nessa manhã ela se dera conta) havia o terror; essa incapacidade assoberbante, colocada em nossas mãos pelos pais, essa existência, para ser vivida até o fim, para ser acompanhada serenamente; no fundo de seu coração jazia um pavor medonho. Mesmo agora, quantas vezes não teria perecido, se Richard não estivesse ali lendo o *Times*, permitindo a ela se encolher como um pássaro e pouco a pouco recobrar o calor, fazer com que essa alegria imensa se inflamasse, raspando um toco de madeira no outro, uma coisa na outra.⁶⁹

Diante do absurdo da vida, deveria revoltar-se, ter a consciência do destino esmagador, lidar com esta infelicidade, de forma fervorosa, ter consciência disso, não viver se arrastando em aceitação da loucura, desse absurdo, viver como um indivíduo de fato revoltado. Como podemos identificar neste trecho em que Clarissa acaba se revoltando:

Ela conseguira escapar. Mas aquele rapaz se matara. De certo modo, era um desastre para ela – uma desgraça para ela. Era sua punição por ver aqui um homem, ali uma mulher, soçobrando e sumindo nessa escuridão profunda, enquanto era obrigada a ficar ali em seu vestido de festa.⁷⁰

Com consciência ampla, de que nada faz sentido, e isso para Camus é a lucidez deste próprio absurdo. A consciência vai gerar uma espécie de coroa ao indivíduo, se imaginando feliz diante desta loucura, como coloca neste trecho:

Deixo Sísifo no sopé da montanha! Sempre se reencontra seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e levanta os rochedos. Ele também acha que tudo está bem. Esse universo doravante sem senhor não lhe parece nem estéril nem fútil. Cada um dos grãos dessa pedra, cada clarão mineral dessa montanha cheia de noite, só para ele

⁶⁸ Op. cit., p. 188.

⁶⁹ WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 233.

⁷⁰ Ibid., p. 234.

forma um mundo. A própria luta em direção aos cimões é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz.⁷¹

Considerando então que Sísifo encontrou na pedra um sentido, aceitou-o e tem consciência diante do seu próprio absurdo, podemos tentar imaginar Sísifo feliz, assim como Clarissa Dalloway que, mesmo tendo a mesma rotina de sempre, sem grandes emoções, as mesmas festas organizadas para a sociedade, tendo seu casamento nem tão perfeito assim, ainda viu um sentido para continuar nesta mesma vida, pois esta vida ainda tem um sentido, mesmo sendo consciente de seu próprio absurdo e revolta. E surge a ação à Clarissa, ela opta pela vida:

O rapaz havia se matado; mas ela não sentia piedade; com o relógio marcando a hora, uma, duas, três, não sentia piedade, com tudo isso acontecendo. Pronto! A velha apagara a luz! Agora a casa toda estava às escuras, com tudo isso acontecendo, repetiu, e ocorreram-lhe as palavras, não temas mais o calor do sol. Precisava voltar para seus convidados. Mas que extraordinária essa noite! De algum modo ela se sentia muito parecida com ele – o rapaz que se matara. Ficou contente por ele ter feito isso; desistido de tudo enquanto eles continuavam a viver. O relógio estava soando. Os círculos plúmbeos dissolveram-se no ar. Mas ela precisa voltar. Precisa se recompor. Precisa ver Sally e Peter. E então deixou a saleta.⁷²

Assim como Sísifo, que continua a carregar a pedra, seu destino lhe pertence e seu rochedo é a sua questão:

Toda a alegria silenciosa de Sísifo está aí. Seu destino lhe pertence. Seu rochedo é sua questão. Da mesma forma o homem absurdo, quando contempla o seu tormento, faz calar todos os ídolos. No universo subitamente restituído ao seu silêncio, elevam-se as mil pequenas vozes maravilhadadas da terra. Apelos inconscientes e secretos, convites de todos os rostos, são o reverso necessário e o preço da vitória. Não existe sol sem sombra, e é preciso conhecer a noite. O homem absurdo diz sim e seu esforço não acaba mais. Se há um destino pessoal, não há nenhuma destinação superior ou, pelo menos, só existe uma, que ele julga fatal e desprezível. No mais, ele se tem como senhor de seus dias. Nesse instante sutil em que o homem se volta sobre sua vida, Sísifo, vindo de novo para seu rochedo, contempla essa seqüência de atos sem nexos que se torna seu destino, criado por ele, unificado sob o olhar de sua memória e em breve selado por sua morte. Assim, convencido da origem toda humana de tudo o que é humano, cego que quer ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre caminhando. O rochedo continua a rolar.⁷³

⁷¹CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo.** Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 88. Acesso em: 04 mai. 2015.

⁷² WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway.** Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 235.

⁷³CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo.** Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, p. 86. Acesso em: 04 mai. 2015.

Podemos, com esta análise, verificar que a obra de Camus contribui sobremaneira para a compreensão do romance *Mrs. Dalloway* apresentando o absurdo, a revolta e a ação. O absurdo, é a própria rotina diária de Clarissa, que em certo momento toma consciência da inutilidade da vida em que está inserida e revolta-se perante ela. Ao revoltar-se, Clarissa nega uma determinada desordem, mas, posteriormente, surge a ação: ela diz “sim” a algo em sua vida que não pode acabar em suicídio, e que ainda tem valores e princípios que valerão a pena continuar vivendo, mas vivendo consciente, do seu próprio absurdo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, buscamos vencer o desafio de mostrar que o romance *Mrs. Dalloway* pode-se encaixar nas teorias de Camus e sua obra acabou agregando para a compreensão da personagem central Clarissa Dalloway, quanto aos seus aspectos de vida, ou seja, da sua rotina diária, a resignação de se aceitar o sofrimento como parte principal da vida, suas escolhas e não escolhas. E com os conceitos mais aprofundados de Albert Camus, em sua obra *O Mito de Sísifo*: a do absurdo da própria existência do ser humano, objeto de nosso estudo. Para Camus, este absurdo é de uma tensão do homem com o mundo, nada mais que a vida de Clarissa.

A obra não é uma história banal, tudo dava significado e sentido na vida de Clarissa. A festa é uma metáfora da vida, representa a falsa felicidade, o fazer não por amor, o viver não por paixão, o fazer por dever. E mesmo a vida de Clarissa ser essa vida que não era bem o que ela queria, ela continuava vivendo, porque afinal era a vida que ela escolheu.

Verificamos que Clarissa torna-se trágica quando ela se torna consciente do seu próprio absurdo, consciente de carregar a pedra de sua existência, em que certo momento gera a revolta metafísica e eis que a consequência a acomete: chega a pensar na possibilidade do suicídio para acabar com seu próprio absurdo. As duas obras se completam, a mensagem do livro, de acordo com esse enfoque camusiano, e então o que nos resta é o suicídio (Septimus) ou a contemplação alienada (Dalloway).

5 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2015.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Trad. Joaquim Campelo Marques. São Paulo: Leya, 2011.

EARNSHAW, Steven. **Existentialism: A Guide for the Perplexed**. New York: Continuum Publishing, 2007.

HUMPHREY, Robert. **O fluxo de consciência**: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros. Trad. Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Revista e Ampliada, 2001.

LEMASSON, Alexandra. **Virginia Woolf**. Trad. Ilana Heineberg. São Paulo: L&PM Pocket, 2011.

MACHADO, Patrícia de Oliveira. **Absurdo, revolta, ação: Albert Camus**. 2010. Dissertação (Pós-graduação em Filosofia) – Universidade de Brasília – Faculdade de Filosofia, Brasília, 2010. 106f. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8387/1/2010_PatriciadeOliveiraMachado.pdf

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PINTO, Manuel da Costa. **Homenagem – Albert Camus**. In: Revista Cult. São Paulo: Editora Bregantini. 143. ed., 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/homenagem-albert-camus/>>. Acesso em 16 nov. 2015.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.